

TOM O MESMO BAR O MESMO CHOPE

Entrevistado por TERESA BARROS Fotografado por ROGÉRIO BRESSANE



Entre árvores, coqueiros, flôres e frutos, numa casa imensa, quase "hollywoodiana", Tom volta ao lar. A mesma mansidão, o mesmo sorriso, a mesma simplicidade retornaram com um homem cansado, louco para pescar, tomar "chopps", dar umas subidas à serra —, que para êle significa "fazer nada". Durante dois meses êle fará

só isso, ou melhor, não fará nada, a não ser ir a inúmeras feijoadas, chopadas e chopinhos que já começam a ser dados em sua homenagem. E enquanto retirava do "malão" tudo que trouxe para o Rio, foi nos contando muitas coisas acontecidas durante dez meses de **american way of life.**

UM PEIXE DENTRO D'ÁGUA

— Olha eu não quero fazer nada, mas nada mesmo nesta «volta ao lar»...

— Nem pescar?

— Nada, nada... Ah, pescar, sim claro. Pescar, quer dizer fazer nada, sabe...

Empolgado com a técnica de gravação norte-americana, explicando como funciona o sistema, cheio de detalhes, Tom está esgotado, apesar da amabilidade de sempre, dos sorrisos espontâneos — marca registrada do maestro, do homem, do compositor.

Betinha e Paulinho, os filhos, o cachorro, grande e manso, vão posar para as fotografias. Depois de remexer e pôr aos berros na vitrola os discos de yê-yê-yê que o pai trouxe, Paulinho — que já está com dezesseis anos e mais alto que o pai — sai para outra fotografia, enocbulado como êle só.

Depois da sessão de fotos, o assunto é yê-yê-yê: — Aqui, ouvi falar numa guerra entre música popular brasileira versus yê-yê-yê. Engraçado... nos Estados Unidos, os ritmos podem existir, ou melhor, coexistirem pacificamente. Lá tem lugar para tudo e para todos.

— Apesar do imposto de renda, você está rico?

— Esta é a pergunta do ano... Olha, ainda não recebi o dinheiro do que fiz com Frank Sinatra. Mas, depois que receber, o negócio vai melhorar.

Após o descanso, Tom vai recomeçar o trabalho: um programa na tevê, com Frank Sinatra em setembro, fora outros discos.

— E o Festival da Canção?

— É, não vou estar aqui, mas devo deixar alguma coisa escrita. Tenho muita coisa nova, gravada nos Estados Unidos.

— E o Sinatra, é uma boa praça?

— Um ótimo sujeito. Estivemos conversando muito, êle contou várias coisas de sua vida, seu início de carreira como «crooner» de orquestra, jantamos juntos algumas vezes, tomamos chopp...

— Ih, adora chopp, mais pão com salame...

Tom conta da família Sinatra, de Mia Farrow, de Nancy — da qual ganhou uns beijinhos e diz-se fã da música brasileira, tendo feito uma troca de discos de ambas as partes (os de Nancy, Tom trouxe para o filho, que vibrou com a coisa).

— E a *american way of life*? Você virou americano durante êste tempo todo ausente do Brasil?

— Olha, um sujeito de quarenta anos, que já foi quatro vezes aos Estados Unidos, está imunizado contra a *american way of life*.

— Saudades da pescaria, muitas não?

— É, íamos pescar de vez em quando. Mas lá já não se pesca como aqui. Até a pesca sumiu. Nada de nossos iscas, nada de nossos lugares preferidos pelo litoral... Lá, a gente toma um barco e vai pescar longe, mas... espera aí: um sujeito ir aos Estados Unidos para pescar? Eu queria era voltar para pescar do jeito que eu sei, pescar os peixes que eu já conheço de sobra, tão diferentes dos de lá... Um outro mar, outros iscas.

Tom acha que a nossa música está se desenvolvendo muito, com cantores e compositores de talento, fazendo sucesso tanto aqui, como nos Estados Unidos e cita seu amigo Sérgio Mendes, Jorge Ben, cita Chico Buarque, Edu Lôbo. De seu lp «Frank-Jobim», diz que vai bem, obrigado, pois quando veio para cá, o disco ainda estava nas paradas, e justifica:



— Sinatra é um sujeito que é sucesso em toda parte e em qualquer tempo...

— Algo de novo para sua música? Alguma transformação?

— O homem que fui, o compositor que era aos vinte e cinco, não o era mais aos trinta e aos quarenta e cinco já mudei muito. Acredito que a minha música não vai parar aí e eu não vou parar de mudar, portanto...

De botinhas pretas, com pequeno saltinho, iguais às de Jerry Lewis, calças de lã (americanas) e uma brancura *made in Los Angeles*, Tom está como quer. Com os filhos, a mulher, na casa nova que quase não conhece — só morou nela durante dois meses — com o velho cachorro, junto a seu piano que ficou sozinho, esperando, o Veloso que está em festa há alguns dias, seu poetinha Vinícius e com um estúdio genial, quieto e longe de tudo, no sótão, Tom está feliz como um peixe n'água. Aliás, o único peixe que não agarraria a sua isca...

Entrevistado por

TERESA BARROS

Fotografado por

ROGERIO BRESSANE